

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica / Manaus Class.: Kulina 68

Data: 24/12/93 Pg.: _____

UMA LONGA VIAGEM

Índio kulina leva policiais à aldeia onde houve matança

Seis soldados da Polícia Militar de Eurunepé viajaram ontem de manhã para a aldeia Gaviãozinho para investigar as mortes de índios kulinas, no conflito com o comerciante Manoel Capivara Campelo. Armados com revólveres calibre 38 e metralhadoras Taurus, a equipe coordenada pelo delegado Wagner José Hernandez e pelo chefe do posto da Funai, Alexandre, o grupo passará pelo menos dez horas viajando pelo rio Juruá até chegar à aldeia.

O cabo de plantão, Alvino Fabio Pereira, disse que o grupo ficará 42 horas sem contato com a delegacia da PM, e se

não voltar até à tarde de amanhã, outra equipe de policiais será encaminhada à aldeia. O cabo informou também que a equipe de policiais está equipada para fazer os levantamentos necessários entre os kulinas e o comerciante, desde perícias até prisões como do comerciante, e dos índios acusados das mortes: Nohará, Dohará, Kamanhã, Kurapú. O índio Raul Kulina acompanha a equipe no lugar da assistente social Angela Kuroviski, missionária da Operação Anchieta, para a tradução dos depoimentos dos indígenas da língua 'madija' para o português.

Ontem a principal testemunha do conflito da aldeia Gaviãozinho, Dsodse Kulina, acompanhou a movimentação da equipe da Polícia Militar no pequeno posto da cidade. Ele já deu dois depoimentos ao delegado Wagner José Hernandez e três ao chefe do posto da Funai, Alexandre Caldeira. Dsodse é testemunha ocular de duas mortes ocorrida durante uma festa no último dia 11, na aldeia.

Ontem ele disse à assistente social Angela Kuroviski que as mortes só aconteceram porque os índios beberam álcool levado pelo comerciante Manoel Capivara.